

Percursos semântico, etimológico e geolinguístico de um regionalismo: a história da palavra “pagela”

Semantic, etymological and geolinguistic paths of a regional lexical item: the history of the Portuguese word “pagela”

Marcelo MÓDOLO (USP/CNPq)
modolo@usp.br

Joaci Pereira FURTADO (UFF)
joacifurtado@id.uff.br

Mário Eduardo VIARO (USP/CNPq)
maeviaro@usp.br

Recebido em: 23 de abr. de 2022.

Aceito em: 28 de jun. de 2022.

MÓDOLO, Marcelo; FURTADO, Joaci Pereira; VIARO, Mário Eduardo. Percursos semântico, etimológico e geolinguístico de um regionalismo: a história da palavra “pagela”. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 12, n. 2, e2479, p. 38–56, maio–ago./2022. DOI: 10.22168/2237-6321-22479.

Resumo: Ao menos no Acre, a palavra “pagela” é, nas escolas, sinônimo de “lista de presença” ou “chamada”. Quando se verifica sua origem latina, entretanto, o vocábulo designa “pequena página”. Este artigo tenta descrever a trajetória que a palavra percorreu até chegar nas escolas do Norte do Brasil com o significado atual e por que o vocábulo não se generalizou no Brasil, permanecendo residualmente com essa acepção, embora apareça em dicionários da língua portuguesa, desde fins do século XVI, significando “prestação” ou “parcela”. Ainda que não de forma cabal, propõe algumas hipóteses etimológicas e históricas para explicar o uso de “pagela” em ambiente escolar, cuja via de ingresso, ao que tudo indica, é a Igreja (tanto como instituição quanto como gestora do sistema escolar brasileiro), com sua intensa atuação missionária e educadora na Amazônia.

Palavras-chave: Etimologia. Lexicografia. Semântica. Histórica. Amazônia Brasileira. Ordens religiosas.

Abstract: At least in the schools of the Brazilian state of Acre, the word *pagela* means ‘attendance list’ or the act of ‘taking attendance’. In its original Latin meaning, however, *pagella* is a ‘small page’. This article attempts to describe this word’s journey until it reached the schools of northern Brazil and gained its current meaning. It will also attempt to explain why *pagela* never became widespread in Brazil; actually, the meaning has only been residually retained. *Pagela* appeared in the dictionaries of Portuguese language in the late sixteenth century, meaning ‘installment’ or ‘tranche’. Examining the available evidence, the aim of this paper is to present a few etymological and historical hypotheses as to how *pagela* came to acquire its specific meaning in a school context. It is argued that much has to do with the activities of the Catholic Church, envisaged both as an institution and as manager of the Brazilian schooling system, which developed intense missionary and schooling activities in the Amazon region.

Keywords: Etymology. Lexicography. Historical Semantics. Brazilian Amazon. Religious orders.

Introdução

Decidir se um item lexical é frequente nem sempre é tarefa fácil. Alguns vocábulos são extremamente raros, ou porque sempre foram pouco testemunhados pela escrita, ou porque deixaram de ser usados. Do ponto de vista etimológico, seu primeiro testemunho, flexionado ou não, é chamado de *terminus a quo*, que não se confunde com o nascimento da palavra, o qual pode ter ocorrido séculos antes. No entanto, somente a partir dessas ocorrências em sincronias pretéritas e da observação de seus contextos de uso pode-se afirmar algo sobre sua mudança formal e/ou semântica ao longo de um estudo diacrônico.

Vocábulos também caem em desuso, mas é difícil determinar um *terminus ad quem*, isto é, a data da última ocorrência de um item lexical: alguns vocábulos deixam de ser correntes, mas continuam testemunhados em dicionários e, vez ou outra, são recuperados, provocando “ressurreições” pontuais nos textos e, quando têm alguma ajuda da mídia e das redes sociais, podem voltar a ter um número significativo de ocorrências. Um caso ainda mais complexo de desuso é o de vocábulos que têm distribuição geolinguística desigual: muito usados em algumas regiões da Lusofonia e praticamente desconhecidos, desusados ou nunca usados em outras. Há ainda vocábulos cujo uso está circunscrito a alguns tipos de discurso. Nessa situação complexa está o vocábulo *pagela*, aqui estudado. Deparamo-nos com ele na matéria “Fogo cruzado”, na revista *Piauí* de janeiro de 2022, que relata a história de uma escola pública do Acre “entre a pandemia, a pobreza e a facção”. A certa altura, afirma o texto: “não sabia gravar e enviar vídeos, nem copiar imagens do *Google*, nem preencher virtualmente a ‘pagela’, termo

que os acreanos usam para se referir à lista de presença” (MAZZA, 2022, p. 16). Começou aí nossa pesquisa histórica e etimológica para descobrir de onde a palavra vinha – e como ela chegou ao sistema escolar acreano com esse significado.

Origem da palavra *pagela*

Do ponto de vista formal, *pagela* é um item lexical culto, um latinismo (substantivo feminino da primeira declinação, *pagella*, -ae), testemunhado raramente em autores clássicos: no OLP (1968) e em outros dicionários de latim, aparece no *Ad familiares* 11, 25, 2 de Cícero (106-43 a.C.). Também ocorre no latim pós-clássico, por exemplo, no livro de Jeremias 36:23 da *Vulgata* (que remonta ao final do século IV e começo do século V d.C.). Tem o mesmo radical da palavra latina *pagina*. No entanto, sua formação traz algum tipo de irregularidade, pois se trata de um diminutivo sufixado que apresenta o radical *pag-* e não *pagin-* (como, por exemplo, em *paginula*), de modo que é possível imaginar sua formação num latim pré-clássico, em que o sufixo -*in-* concorre com o sufixo -*ell-*, fenômeno que se encontra em palavras do latim vulgar como sufixos diminutivos (cf. português -*inh-* <latim -*in-* e espanhol -*ill-* <*-*iell-* <latim -*ell-*). O vocábulo latino *pagella*, contudo, certamente não se popularizou, pois inexistem formas derivadas que sofreram as mudanças esperadas de uma palavra empregada no latim vulgar (por exemplo, síncope do -*g-* intervocálico e transformações subsequentes a essa queda). Mesmo assim, circulou pelo latim medieval e frequentemente é testemunhada no latim renascentista¹. Seu sentido original, o de “pequena página”, muito cedo passou, como em tantos outros vocábulos, por uma generalização, perdendo o valor diminutivo e ampliando seu sentido para “página (de qualquer tamanho)”, ou seja, um sinônimo de seu cognato *pagina*.

É nesse contexto que encontramos a primeira abonação lexicográfica do vocábulo em português. Em 1562-1563, Jerónimo Cardoso atesta “Banda de liuro. Pagina, ae” e “Bandinha. Pagella”; em 1570, o mesmo autor não faz essa distinção: “Pagella, ae. diminut. A

¹ Há homônimos de *pagella* no latim medieval e renascentista. Por exemplo, para Du Cange, *pagella* também seria “Mensura, eadem quae Pertica” e “idem quod Carrada, onus carri, Gall. Charrete, quantum ex pagella colligitur”, ambos os casos abonados em documentos franceses do século XIV. Vide, por exemplo, as informações constantes nos dicionários presentes no site <https://logeion.uchicago.edu/lexidium>. Acesso em 14 abr. de 2022.

banda de folha” e “Pagina, ae. O mesmo”². Esse autor também traz o verbete “Pagelas. Mercedula, ae”, que aponta para um terceiro significado, já no português renascentista, o de “pagamento (de uma prestação)”.

Os três sentidos básicos em português são, portanto, o de “pequena página” (S_0), “página” (S_1) e “pagamento” (S_2), com os quais é possível a formação de uma árvore genealógica de significados. Quase dois séculos depois de Cardoso, no vocabulário de Bluteau (1720, p. 183), lemos:

PAGÊLA, ou pagella. He vocabulo Latino, que val o mesmo que pagina pequena de livro. Pagar por pagelas, he pagar huma quantia mayor aos poucos, interruptamente, hum dia dez, outro dia quinze até chegar à somma total. *Particulatim solvere*. Este adverbio he de bons Autores Latinos em sentido pouco differente deste. Tambem chamão pagar por pagelas, pagar em outra especie.

Os dicionários de língua portuguesa do século XIX em diante associam o significado de *pagela* com um outro item lexical, a saber, *parcela* (em contextos que são exatamente o do sentido S_2 , isto é, “pagamento”, “prestação de um pagamento”). Não se trata, porém, de um novo significado. A associação na definição do verbete, contudo, se tornou repetitiva na prática lexicográfica, de modo que incentivou explicações etimológicas inexistentes entre os dois vocábulos por causa da semelhança fônica de ambas as palavras³. Curiosamente, *pagela* não é um verbete dos dicionários Michaelis, Aurélio e Houaiss da língua portuguesa, mas consta dos verbetes do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP)⁴.

² A palavra *página* em português também é um latinismo tardio: segundo o *Dicionário Houaiss*, sua primeira ocorrência seria do século XVII, mas já a vemos abonada em Cardoso (1570): “Vtranque paginam facit: (...) Tomouse do livro das contas em que os mercadores escreuem em hũa **pagina** o que emprestaram. & na outra o que receberam”.

³ Não há nenhuma relação etimológica entre *pagela* e *parcela*, sendo a última uma palavra de origem francesa que entrou tardiamente no português. Segundo o *Dicionário Houaiss*, a primeira abonação data de 1704, embora a palavra francesa original *parcelle* remonte ao século XII. A primeira ocorrência em dicionários é de João de Moraes Madureira Feijó. *Orthographia*, 1734: “Parcéla. parte pequena” <<http://clp.dlc.ua.pt/DICIweb/>>. Acesso em 16 abr. 2022. A história da palavra *parcela* seria outra investigação etimológica a fazer. De qualquer forma, a semelhança formal entre as palavras *pagela* e *parcela* é apenas fortuita e não etimológica, da mesma forma que não há relação histórica entre o radical do verbo *pagar* e o vocábulo *pagela*.

⁴ Cf. <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>. Acesso em 16 abr. 2022.

Acepções do vocábulo *pagela* no português brasileiro

O sentido original de “pequena página” (S_0) e o derivado de “página” (S_1) praticamente desapareceram no português moderno. Não é incomum ver indicação de “desusado” para essas acepções nos dicionários do século XIX em diante, ao passo que aparece, reiteradamente, definida pelos sinônimos “parcela” ou “prestação” (S_2), sobretudo na expressão *pagar as pagelas* ou *pagar por pagelas*. Bueno (1968) tece os seguintes comentários em seu dicionário etimológico:

Pagela – s.f. Conta, nota apresentada por um profissional para ser paga. Outrora, atestado escolar, para provar que o aluno fez tal ou tal exame, certificado. Lat. *pagella*, dimin. de *página*.

O uso de *pagela* em português brasileiro como “página” (S_1) é, de fato, bastante raro, mas não inexistente. Num texto de jornal da Hemeroteca Nacional⁵, da década de 30 do século XX, lê-se: “O que o famigerado improvisador inclui em 36 pagelas de sua escafranadíssima ‘Ideologia farroupilha’, eu faço o estudo integral”⁶.

No entanto, é do sentido original de “pequena página” (S_0) que nasce uma das principais derivações semânticas detectadas. Uma delas seria o de uma pequena publicação com conteúdo propagandístico (que hoje seria chamado de *folder*). Na mesma década encontra-se:

Um livreiro de Paris, Francisco Aldor, edita desde ha muito tempo publicações altamente ofensivas ao bom costume. Para maior propaganda, enviava pelo correio, aos domicilios, prospectos e pagelas que escandalizariam um carroceiro.⁷

Essa derivação é, com certeza, muito mais antiga. Por exemplo, no *Indiculus Universal*, de António Franco (1716), é possível ainda detectar um novo sentido especializado e antigo: o de “carta de baralho”, cf.

⁵ Nesse site (<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>) foi feito o maior número de buscas que resultaram os dados presentes neste artigo. Pesquisaram-se as grafias *pagela*, *pagelas*, *pagella*, *pagellas*, *pajela*, *pajelas*, *pajella*, *pajellas*. Descartaram-se, obviamente, todas as ocorrências que não correspondiam ao que se procurava: seja o sobrenome *Pagella*, seja erros de leitura de palavras como *papeis*, *pagal-a*, *pagina*, *pagens*, *panellas*, *pagá-la*, etc.

⁶ Jornal do Commercio (RJ), 1934, ed. 136, p. 8. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_12&pesq=pagelas&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=28267>; com o sentido de “pequena página” (S_0) cf. ainda em A Estrela Polar (MG), 1958, n.7, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=W00003&pesq=pagela&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.br&pagfis=1763>>. Acessos em 14 abr. 2022.

⁷ A Cruz: órgão da Parochia de S. João Baptista (RJ), 1933, n. 29, p. . Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=829706&pesq=pagelas&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=3158>>. Acesso em 14 abr. 2022.

“Baralhar as cartas. Pagellas miscere. Confundere.” e “Dar as cartas. Pagellas distribuere.”⁸

Publicação de páginas com conteúdo literário parece ter encontrado terreno bastante fértil, sendo testemunhada com frequência subsequentemente, sobretudo a partir da década de 50 do século XX⁹, tanto no Brasil quanto em Portugal:

Não resistimos à tentação de transcrever o admirável soneto que o Dr. Artur Terroso ali pronunciou e que, fazendo editar em graciosa pagela, nos ofereceu com gentilíssima dedicatória e inserimos na nossa primeira página¹⁰.

Também do sentido antigo de “pequena página” nascem outras acepções especializadas, algumas delas reintroduzidas do português lusitano no português brasileiro, como a usada em filatelia no início da década de 70 do século XX para uma “página com selos e carimbos para colecionadores”¹¹.

Pagela como “diário de classe” na região Norte do Brasil

O dicionário de Ranzi (2017, p.74) atesta haver um vocábulo *pagela* no português brasileiro do Acre com um terceiro sentido: “**PAGELA.** s. Diário do professor, onde são lançadas a frequência e as avaliações dos alunos”. De fato, o vocábulo se tornou muito corriqueiro no estado do Acre: no *Diário Oficial* (Acre) nº 11.412, em publicação de 13 out 2014 assinada por Ildor Reni Graebner, então Secretário de

⁸ Disponível em <<http://clp.dlc.ua.pt/DICIweb/>>. Acesso em 16 abr. 2022.

⁹ Cf. *A Estrela Polar* (MG), 1951, n. 41, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=W00003&pesq=pagelas&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.br&pagfis=551>>; também 1955, n. 42, p. 4; *O Apostolo: Orgão do Apostolado da Oração* (SC), 1953, n.555, p.3; *Publicações do Archivo Nacional* (RJ), 1957, n. 39, p. 26. Acesso em 14 abr. 2022. O vocábulo também é empregado várias vezes neste sentido em Lima (2012). O uso de *pagela* como “cartão postal” em Portugal, como termo arquivístico, pode ser visto também em <<https://purl.pt/30492>>, cf. também exemplos de “cartão funerário” em <<https://digitarq.arquivos.pt/results?t=pagela>>. Acessos em 15 abr. 2022.

¹⁰ *Estrelado Minho*, 1956, n. 3158, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=890626&pesq=pagela&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=12505>>; cf. também no mesmo jornal, 1959, n. 3320, p. 4. Acessos em 14 abr. 2022.

¹¹ *A Tribuna* (SP), 1971, n. 262, p. 41. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=153931_02&pesq=pagela&pasta=ano%20197&hf=memoria.bn.br&pagfis=21833>; também em *O Jornal* (RJ), 1972, n. 15432, p. 28; 1973, n. 15763, p. 34; 1973, n. 15873, p. 34; 1973, n. 15933, p. 30; *Jornal do Commercio* (AM), 1972, n. 21122, p. 14; *O Poti* (RN), 1973, n. 1976, p. 22. Misturam-se o sentido filatélico e o encomiástico na abonação de *A Luta Democrática* (RJ), 1987, n. 9268, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030678&pesq=pagela&pasta=ano%20198&hf=memoria.bn.br&pagfis=75215>>. Acessos em 14 abr. 2022.

Segurança Pública do Estado do Acre, aparece, entre as atribuições dos coordenadores dos Cursos de Formação de Sargentos:

Colaborar com a Divisão Pedagógica do CIEPS na organização de Oficinas Pedagógicas, Encontros Pedagógicos, reuniões referentes ao curso, entrega e recolhimento de Diários de Turma (pagelas) junto aos professores do curso (p. 23).¹²

Se há correlação entre o latim *pagella* e o uso desse vocábulo acreano *pagela* é algo que necessita investigação etimológica. Para corroborar essa hipótese, além da mudança semântica atestada, é preciso avaliar algumas hipóteses inicialmente:

- (1) Trata-se de uma coincidência;
- (2) É um nome comum derivado do nome próprio Pagella;
- (3) A palavra é um latinismo erudito, ligado ao significado de “página” (S₁).

Apostando na terceira hipótese, surgem dois novos problemas:

- (1) O latinismo nasceu fora do estado do Acre e foi lá implantado;
- (2) A palavra teve uso mais amplo.

Os dados apontaram para a segunda hipótese. Em reportagem do dia 20 de outubro de 2018, encontramos a informação de que o vocábulo já foi usado em Manaus¹³. O uso de *pagela* no falar amazonense é também atestado por Becker (2011, p. 101) e Castro (2016, p. 34-36). Além disso, houve grande polêmica sobre um projeto de lei nº 341/2012, do deputado Wanderley Dallas, que propunha na Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas vários vocábulos como parte do patrimônio cultural imaterial amazonense, entre eles, *pagela* com o sentido de “diário de classe”¹⁴. A partir de um novo sentido derivado, o

¹² Disponível em: <<http://diario.ac.gov.br/download.php?arquivo=KEQxQHI3IyEpRE8xNDEyOTg2MDQyMDU0Ny5wZGY=>>>. Acesso em 15 abr. 2022.

¹³ “O mimeógrafo e o quadro verde manchado de giz foram substituídos pelas impressoras multifuncionais (...). Até a pagela mudou de nome, e hoje atende ‘pomposamente’ por diário”. Disponível em <<http://g1.globo.com/am/amazonas/manaus-de-todas-as-cores/2018/noticia/2018/10/24/manauaras-historias-de-quem-escolheu-a-capital-amazonense-como-cenario-para-a-vida.ghtml>>. Acesso em 14 abr. 2022.

¹⁴ Disponível, por exemplo, em <<http://dicionariosvarios.blogspot.com/2015/04/piroca-e-outras-expressoes-como.html>>. Acesso em 14 abr. 2022.

de “presença (em uma chamada)”, o vocábulo tornou-se tão divulgado no Amazonas, que desenvolveu uma acepção muito popular no final da década de 80 do século XX e início da de 90, o de “presença (sobretudo num evento festivo)”, como testemunha uma seção chamada *Pagela* na coluna *ETC.&TAL*, do *Jornal do Commercio* (AM): “Pagela I – Ao ler seu nome diga “presente!” à festa de dois anos de ETC.&TAL”¹⁵. A mesma coluna usa expressões como “pagela de presenças” (1989, ed. 34793, p. 14 e ed. 34803, p. 22; 1990, ed. 35209, p. 15), “pagela selvagem” (1989, ed. 34868, p. 14), “pagela dourada” (1990, ed. 35339, p. 19), “pagela supimpa” (1991, ed. 35430, p. 15). Em 1994, a expressão já parecia bem arraigada de modo que se afirma que “o que há de mais chique disse presente à pagela social”¹⁶.

À mesma época e a partir do mesmo sentido derivado de “presença (numa chamada), o vocábulo *pagela* também passou a ser usado, ironicamente, com a acepção contrária, a saber, “ausência (de um político numa assembleia, detectada pela imprensa)”¹⁷:

Pagela

Está sendo sentida a falta do vereador Robério Braga nas reuniões de sábado do ‘Recanto do Reston’. Caso o parlamentar continuar a faltar, o conselho superior daquele aconchego, vai querer justificativa plausível.

Iniciado o século XXI, as pagelas no ensino do Estado do Amazonas começam a cair em desuso: “Se não bastasse, os alunos da UEA terão registro digital de frequência, que evita o uso das antigas pagelas e agiliza as aulas”¹⁸.

Não só no Amazonas, mas também em Roraima, é possível localizar o vocábulo com o mesmo significado. Silva, Rocha e Carvalho (2016, p. 14) descrevem o método jesuíta da *preleção*, na qual o “professor

¹⁵ *Jornal do Commercio* (AM), 1988, n. 34531, p. 18, disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=170054_02&pesq=pagela&pasta=ano%20198&hf=memoria.bn.br&pagfis=33575>; também, por exemplo, no ano de 1988 no mesmo jornal, n. 34560, p. 18; n. 345721, p. 18; n. 34590, p. 18; n. 34765, p. 14, entre outros. Acessos em 14 abr. 2022.

¹⁶ *Jornal do Commercio* (AM), 1994, n. 36308, p. 13, disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=170054_02&pesq=pagela&pasta=ano%20198&hf=memoria.bn.br&pagfis=56425>. Acesso em 14 abr. 2022.

¹⁷ *Jornal do Commercio* (AM), 1992, n. 35679, p. 12, disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=170054_02&pesq=pagela&pasta=ano%20198&hf=memoria.bn.br&pagfis=47357>; o mesmo se vê no mesmo ano no n. 35710, p. 12, n. 35717, p. 12, n. 45863, p. 12 e em 1993, n. 35980, p. 12, n. 36213, p. 13, por exemplo. Acesso em 14 abr. 2022.

¹⁸ *Jornal do Commercio* (AM), 2001, n. 38356, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=170054_02&pesq=pagelas&pasta=ano%20198&hf=memoria.bn.br&pagfis=96277>. Acesso em 14 abr. 2022.

orientava os alunos sobre o que eles deveriam estudar, uma espécie de introdução às matérias” e testemunham a existência da pagela em seguida:

a *preleção* é um item da educação, que até hoje consta das atividades dos professores, descritas numa caderneta conhecida por pagela ou diário de classe, às vezes até delimitando as proporções entre preleções, atividades práticas e teóricas¹⁹.

Depreende-se o uso em Roraima também a partir do depoimento de Brito (2019, p. 25). Tal informação expande historicamente o uso de *pagela* para além do uso acreano, pelo menos para uma área mais extensa na região Norte brasileira.

Usos eclesiásticos de “pagela”

Tendo demonstrado que a palavra já teve um uso mais amplo do que sugerem Mazza, Ranzi ou o deputado supracitado, é possível imaginar que o vocábulo tivesse sido usado em outras regiões do Brasil. De fato, há depoimentos sobre o emprego de *pagela* com esse mesmo sentido no Piauí e Maranhão²⁰ e encontra-se também num documento da reitoria da Universidade Federal de Alagoas (MENEZES, 2007, p. 57). Fora da área do português brasileiro, encontra-se *pagela* em Portugal, mas sempre com usos distantes do escolar, aparentemente derivados do de “pequena página” (*S_o*), como o de “folha volante”. Num *site* português²¹ lemos:

Em 1711 publicava-se em Londres uma folha volante designada *Spectador* (*sic*), da qual se tiravam 20 mil exemplares por edição. Um seu leitor, residente em Oxford decidiu escrever uma carta ao director da pagela, que a publicou na edição seguinte.

Esse uso como “folha volante” também foi usado no Brasil, como visto, e, não raro, continha um elemento textual – na maior parte das vezes, a imagem e/ou uma oração a um santo (“pagela de ladainha”)²² ou ainda com informações bibliográficas:

¹⁹ Também é bastante informativo, para conhecer melhor o referente envolvido, o depoimento do escritor Aimberê Freitas: “(...) Walter Jonas Ferreira da Silva, com quem briguei muitas vezes, nesta época, para ser o primeiro nome da pagela (não se usava a ordem alfabética). Era ordem de matrícula. Quem chegava primeiro ficava primeiro na lista de chamada. E ele sempre ganhava porque era filho da Diretora”. Disponível em <<http://www.aimberefreitas.com.br/tag/infancia/>>. Acesso em 15 abr. 2022.

²⁰ Informação relatada ao prof. dr. Eliabe dos Santos Procópio (UFRR) em conversa informal.

²¹ Disponível em < <https://capeiaarraiana.pt/2019/02/10/a-fama-do-vinho-portugues-em-inglaterra/>>. Acesso em 14 abr. 2022.

²² Essas pagelas, quando ilustradas, são atualmente conhecidas como “santinhos” em vasta área

Houve por bem o ExRemo. D. Aquino recomendar a distribuição (...) das pagelas divulgadas pela Liga Católica Feminina, de Lisboa, contendo dados biograficos e a oração a Fernandinho, com meio de intensificar (...) os desejos dos cuiabanos, muitos dos quais já obtiveram graças por intercessão de Fernandinho.²³

Por vezes, não muito distante desse sentido, há a possibilidade de entender *pagela* como pequena “folha de calendário”, muitas vezes destacável, como parece ser o caso da *Folhinha de Santo Antônio*, mencionada nesta passagem:

Confeccionada com muito esmero e religiosa dedicação a tradicional folhinha de Santo Antonio da Livraria Boa Imprensa! (...) parece que dia após dia, ao desfolhar da ficha, sussurar ouve cada qual: Santo Antonio te guie! (...) A *Folhinha de Santo Antonio*, editada annualmente já de longa data, bem merece irrestricta acolhida. O conteudo de suas pagelas é vasto. Satisfaz, distrahe, educa, orienta! Ha exactas indicações, religiosas, minusculas reportagens, excertos de literatura, pensamentos escolhidos, pequenos commentarios a talho de foice, informações muito preciosas. É uma enciclopedia completa e brevissimo tamanho!²⁴.

do território nacional e a retrodatação do verbete “santinho” no *Dicionário Houaiss* é indicada como posterior a 1960. A palavra provavelmente é um italianismo do português brasileiro (cf. *santino*), como se pode ver em <<https://www.aicis.org/index.php/santini-e-santita>>. Cf. O *Paiz* (RJ), 1921, n. 13481, p. 7. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_05&pesq=pajelas&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=7249>; O *Paiz* (RJ), 1927, n. 15707, p. 12; O *Imparcial* (MA), 1930, n. 2281, p. 5; *Jornal do Commercio* (SP), 1930, n. 149, p. 11; *Jornal do Brasil* (RJ), 1933, n. 213, p. 10; *Gazeta Popular* (SP), 1935, n. 1512, p. 3; *Correio Rio-Grandense* (RS), 1950, n. 16-17, p. 3; *A Cruz: órgão da Liga Social Catholica Brasileira de Matto-Grosso*, 1952, n. 2009, p. 4; *A Cruz: órgão da Liga Social Catholica Brasileira de Matto-Grosso*, 1952, n. 2010, p. 3; *O Apostolo: Orgão do Apostolado da Oração* (SC), 1956, n. 612, p. 4; *Jornal do Commercio* (RJ), 1960, n. 224, p. 13; *Jornal do Commercio* (RJ), 1960, n. 234, p. 12; *A Cruz: órgão da Parochia de S. João Baptista* (RJ), 1972, n. 2711, p. 1. Em Portugal, o uso de pagela como orações é corrente: “no quarto com a minha mãe, a consola com os medicamentos e as pagelas que a não protegem mais, o médico” (cf. ANTUNES, 2009, p. 37). Do sentido de “folha com uma prece” no português lusitano, como em *Estrela do Minho*, 1945, n. 2589, p. 6, parece ter derivado o sentido de “prece cantada” apenas, tal como se vê em *Estrela do Minho*, 1953, n. 2977, p. 4, disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=890626&pesq=pagela&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=11686>>. Acesso em 14 abr. 2022.

²³ *A Cruz: órgão da Liga Social Catholica Brasileira de Matto-Grosso*, 1952, n. 2007, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765880&pesq=pagelas&hf=memoria.bn.br&pagfis=8078>>. Acesso em 14 abr. 2022.

²⁴ *Excelsior* (RJ), 1940, n. 148, p. 55. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=169072&pesq=pagelas&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=12748>>. Um sentido figurado derivado dessa acepção talvez seja a interpretação correta do texto intitulado “Postais de longe” assinado por Jerônimo de Castro no jornal português *Estrela do Minho*, 1944, n. 2526, p. 4, que diz: “Todos os dias vemos pagelas desse egoísmo dos homens, de cada vez mais acentuado” <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=890626&pesq=pagelas&hf=memoria.bn.br&pagfis=9647>>. Acessos em 14 abr. 2022.

Assim, o sentido de *pagela* religiosa parece ter ampliado, por volta da década de 40 do século XX, para uma espécie de encadernação com folhas destacáveis. Longe do âmbito estritamente religioso e da economia, o uso escolar de *pagela* da região Norte brasileira assemelha-se a alguns sentidos derivados do latim medieval *pagella* em italiano. A presença do vocábulo *pagella* no italiano tanto no sentido de “matrícula” quanto no de “boletim escolar” é anterior ao período fascista do século XX, quando foi instituída oficialmente por um decreto régio de 20 de junho de 1926. Esse uso foi abandonado no pós-guerra, mas foi retomado pela lei 169 de 30 de outubro de 2008 e ainda está em vigor²⁵. Essa acepção é encontrada em diversos jornais brasileiros escritos em italiano, como *Il Pasquino: Coloniale* (SP) em 1925²⁶. Também é testemunhada, sempre em textos em italiano, no jornal *O imparcial* (RJ) em 1926²⁷ e diversos outros, sobretudo paulistas e sulinos, principalmente desde a década de 30 do século XX²⁸. A correlação entre o sentido “diário de classe” e os sentidos italianos não é tão clara, pois o único fator que os une seria o ambiente escolar. No português brasileiro setentrional, esse uso já se encontra documentado em 1955, com o nome de “pagela de frequência”, numa notícia de Manaus presente no jornal *Correio da Manhã* (RJ)²⁹. Em jornais da região Norte do Brasil, os testemunhos mais antigos do sentido investigado são da década de 60 do século XX, por exemplo: “Eu e o Professor que chefia a Turma de Administração

²⁵ Por exemplo, em <http://www.etimo.it/?term=pagella&find=Cerca>. Vide também informações contidas em <https://www.ipiccoliquotidiano.it/news/italia/1044526/la-pagella-di-giuseppe-ii>. Acesso de ambas as páginas em 14 abr. 2022.

²⁶ Num texto escrito em italiano não padrão, com finalidade aparentemente humorística: “e nela pagela aumentano i zeri che p[a]rece un mostrovario de ovi”, n. 928, p.20. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=359670&pesq=pagela&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=7332>>; também no mesmo jornal, em 1933, n. 1205, p. 8. Acesso em 14 abr. 2022.

²⁷ “il ministro dell’Istruzione (...) ha illustrato i provvedimenti del Consiglio dei ministri (...) alla pagella scolastica”, ed. 5691 (1), p. 5. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=107670_02&pesq=pagella&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=28332>. Acesso em 14 abr. 2022.

²⁸ Outros exemplos se encontram em *Il Pasquino* (SP), 1934, n. 1268, p. 3; 1936, n. 1268, p. 7; 1937, n. 1430, p. 12; 1937, n. 1437, p. 99; 1939, n. 1483 (1), p. 10. Também em *Il Moscone* (SP), 1939, n. 59 p. 13; no *Correio Paulistano* (SP), 1959, n. 31556, p. 2; *Ecos do Mundo* (RS), 1962, n. 16, p. 11; *Correio Riograndense*, Caxias do Sul (RS), 2000, n. 4681, p. 17. Acessos em 14 abr. 2022.

²⁹ *Correio da Manhã* (RJ), 1951, n. 17943, p. 26. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_06&pesq=pagelas&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.br&pagfis=12043>. Acesso em 14 abr. 2022.

Escolar, continuamos na biblioteca. Êle, as voltas com seus horários e pagelas.”³⁰

Novamente, surge a dúvida se há correlação ou não entre a *pagella* italiana e a *pagela* típica da região Norte, devido a alguns problemas históricos e linguísticos:

- (1) As acepções escolares da *pagella* italiana, salvo melhor juízo, não se tornaram oficiais e, por isso, não foram amplamente adotadas em outras regiões do Brasil. Dito de outro modo, mesmo que práticas educacionais semelhantes às empregadas na Itália tenham surgido em escolas brasileiras, a palavra *pagella* italiana não se transformou em *pagela* em português brasileiro com os sentidos italianos de “matrícula” e “boletim escolar”;
- (2) Mesmo nas regiões onde há forte presença italiana, bilinguismo e jornais ou colunas de jornais em italiano, a palavra *pagela* não se popularizou, antes parece ser um fenômeno de transferência linguística (*crosslinguistic influence*);
- (3) Um item lexical de origem italiana na região Norte, onde a palavra *pagela* é usada como “diário de classe”, parece ser algo muito inusitado, uma vez que não houve migração italiana nesses estados como houve no Sudeste e Sul do Brasil, para que fosse possível justificar um italianismo nessas áreas.

A presença católica no ensino pode ser um elemento decisivo para reforçar o entendimento de como surgiu o sentido regional de “diário de classe”, para além dos sentidos italianos de “matrícula” e “boletim escolar”, que não ocorrem senão muito excepcionalmente, no início do século XX no Rio Grande do Sul, quando se emprega a expressão “pagelas de inscrição”³¹. Esse sentido, equivalente ao da

³⁰ *Jornal do Commercio* (AM), 1967, ed. 19496, p. 20, disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=170054_01&pesq=pagelas&hf=memoria.bn.br&pagfis=82072>; cf. mesmo jornal em 1969, n.20045A, p.3; 1971, n.20797, p.17; 1972, n.21127, p.2; 1985, n.33521, p.3.; 1986, p. 33950, p. 9; 1986, n. 34050, p. 21; 1988, n. 34518, p. 10; 1999, n. 37834, p.5. Também no jornal *Alto Madeira* (RO), 1988, n.19462(1). Acessos em 14 abr. 2022.

³¹ Por exemplo, no português do Rio Grande do Sul: “Pela Nossa Camara Ecclesiastica enviaremos a V. Revma. as pagellas de inscrição e estatutos da dita obra” em *Il Colono Italiano*, Garibaldi (RS), 1915, n. 3, p. 1. Disponível em:

pagella italiana, no entanto, provém de um mais antigo, não só restrito ao âmbito eclesiástico, como vimos, o de “prestação” (S_2). Paralelamente, no comércio, também o vocábulo *pagela* foi usado para a anotação de dívidas, como se faziam nos antigos empórios que vendiam fiado, documentada nos dicionários portugueses desde o século XVI e nos jornais brasileiros, como cultismo, ainda no século XIX: “Enchendo-se pois o Senhor de grande ira, entregou-o aos maiores tormentos, até que elle houvesse de pagar-lhe a ultima *pagella*³²”.

Dentro desse ambiente eclesiástico, em 1924 também se atesta o significado de “página para relatório” em um jornal de Pernambuco³³:

manda o exmo. sr. arcebispo metropolitano (...) que (...) enviem com urgencia (...) os relatorios parochiaes relativos ao anno findo de 1923. Não colhe a desculpa de não ter sido remetida a *pagella* impressa.

Num jornal do Rio de Janeiro de 1946³⁴ se vê também não mais uma página, mas todo um relatório já preenchido:

inclúo aqui a *pagela* contendo as indulgencias, faculdades e privilegios dos socios da U.M.C. que muito recomendo ao zêlo e esclarecida piedade de V.Revma.

Mostramos, acima, no caso da *Folhinha de Santo Antônio*, que é possível a mudança semântica de “página” para “encadernação” na palavra *pagela* em língua portuguesa. Assim, aparentemente, seria possível, apenas com essas evidências linguísticas, derivar o sentido genérico de “relatório” para outro, mais específico, de “relatório diário” das presenças e ausências dos alunos em uma aula.

Esquemáticamente teríamos uma proposta de organização das derivações semânticas apresentadas:

< <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=882020&pesq=pagellas&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.br&pagfis=1049>>. Também em *Staffetta riograndense*, 1933, n. 37, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=882038&pesq=pagella&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=3340>>. Acessos em 14 abr. 2022.

³² Exposição evangelica: Do Ex. e Rvm. Sr. D. Thomaz de Noronha (MA), 1865, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761281&pesq=pagella&pasta=ano%20186&hf=memoria.bn.br&pagfis=65>>. Acesso em 14 abr. 2022.

³³ *Diário de Pernambuco*, 1924, ed. 70, p. 6, disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pesq=pagella&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=11536>. Acesso em 14 abr. 2022.

³⁴ *A Cruz: órgão da Parochia de São João Batista* (RJ), 1946, n. 38, p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=829706&pesq=pagela&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=7042>>. Acesso em 14 abr. 2022.

- S₀ “pequena página”
 - S_{0.1} “Carta de baralho”
 - S_{0.2} “Santinho” ou “folha volante”
 - S_{0.2.1} “Prece”
 - S_{0.2.2} “Folhinha”
- S₁ “página”
 - S₂ “Pagamento (em prestações / parcelas)”
 - S_{2.1} “Matrícula”
 - S₃ “Relatório”
 - S_{3.1} “Boletim”
 - S_{3.2} “Lista de Presença”
 - S_{3.2.1} “Chamada”
 - S_{3.2.1.1} “Presença”
 - S_{3.2.1.2} “Ausência”

Considerações finais

O vocábulo *pagela*, ao que tudo indica, pode ter tido um uso muito antigo para além do universo religioso, mas foi preservado pela Igreja Católica até hoje. A presença de *pagela* significando “diário de classe”, regionalismo sobrevivente no Norte, parece ser resultado da presença de missionários católicos na região Amazônica em meados do século XX (MACHADO; AMORIM; PORTO, 2020)³⁵. Por ser de colonização tardia e isolada, e com um sistema escolar com significativa atuação de religiosos italianos, a palavra *pagela*, presente no sistema escolar, ainda que com outros sentidos no italiano, parece ter sido a razão desse cultismo latino ter sobrevivido nessa região. Por meio da desassociação, feita lentamente, através da mudança diacrônica dos sentidos originais de “página” e “pequena página” para o de um tipo de encadernação, que resultaram materialmente tanto no “boletim” italiano, quanto na “lista de presença” do português brasileiro setentrional, é possível, por meio dos dados históricos e da documentação, encontrar os contextos que justifiquem uma pesquisa etimológica de maneira científica. Também as dimensões originais do étimo no diminutivo, se ainda presente nos

³⁵ Sobre a missão Consolata: <http://imc.consolata.org.br/regiao-amazonia/>.

“santinhos”, deixaram de ser o principal elemento caracterizador do objeto hoje denominado *pagela* no português brasileiro atual. De qualquer forma, tudo indica que o item lexical, antes de ser popularizado na região Norte, circulou em escolas fundadas ou associadas a clérigos imigrantes, italianos ou não. Essa afirmação se justificaria por si só apenas pela conservação da forma latina, uma vez que a palavra não encontrou terreno fértil em outros contextos fora da Igreja e do ensino nos dias de hoje. Fundamentando essa tese, particularmente no que diz respeito à Amazônia (que inclui os estados do Norte, Mato Grosso e parte do Maranhão), constata-se desde o século XVI a presença contínua e intensa de ordens religiosas católicas na região. No século XX, quando o vocábulo aparece como sinônimo de “diário de classe” ou “lista de chamada”, essa atuação se intensifica em decorrência da separação entre Igreja e Estado, instaurada pela Constituição republicana de 1891.

A nova situação forçou a instituição a se reorganizar, em especial na Amazônia, onde houve, entre o final do século XIX e o início do XX, uma “retomada missionária”, com a instalação de numerosas ordens religiosas dedicadas à catequese, à saúde e à educação. Nestas duas últimas frentes, as ordens femininas – nascidas na Europa ou na própria Amazônia – tornaram-se hegemônicas onde antes as masculinas dominavam, criando asilos, orfanatos, hospitais e escolas (RAMALHO; RAMALHO, 2017). Vale destacar que a base da atuação missionária da Igreja na Amazônia se deu nas cidades. Nelas, as ordens promoveram a evangelização e a educação para o trabalho. O primeiro alvo dessa investida neomissionária foi o Amazonas, estado no qual, em 1910, o papa Pio X criou três “prefeituras apostólicas” (embriões de futuras dioceses): Tefé – entregue aos franceses da Congregação do Espírito Santo –, São Paulo de Olivença – confiada a capuchinhos da Úmbria – e Alto Rio Negro – destinada aos salesianos (SILVA, 2019, p. 3-7; REIS; CARVALHO, 2016). Em 1918, os beneditinos inauguraram a Escola São José, em Boa Vista, então no Amazonas (em 1943, a cidade se tornaria capital do Território Federal de Roraima, que integrava o amazonense). No Acre, a italiana Congregação das Servas de Maria Reparadoras criou escolas em Sena Madureira (Instituto Juliana, 1923) e Xapuri (Colégio Divina Providência, 1928) e, em dezembro de 1937, dominicanas alemãs fundaram, em Cruzeiro do Sul, modesta escola primária, origem do Instituto Cultural Orfanológico Santa Terezinha (1938). No Pará, destaca-se a atuação dos capuchinhos lombardos no interior do estado, escolarizando índios por meio do Instituto do Prata desde 1898 (RIZZINI;

SCHUELER, 2016). Aliás, a “importação de capuchinhos italianos” para educar indígenas foi política pública desde o Estado imperial, renovada na República – apesar da retórica laicista (RIZZINI; SCHUELER, 2016, p. 67-69). Mas a situação da educação no estado como um todo, nas primeiras décadas do século XX, era desoladora. A precariedade era geral – reconhecida pelo próprio governo (COELHO, 2008, p. 23-25) – a despeito das sucessivas tentativas de modernização do ensino (COELHO, 2008, p. 32-34), cabendo às ordens católicas – capuchinhos italianos, inclusive – mitigar essa precariedade, assumindo o controle de instituições públicas de ensino por meio de convênios com o governo estadual (COELHO, 2008, p. 94-95).

A atuação das missões (inclusive evangélicas), entretanto, fez parte de estratégias estatais de ocupação e integração do vasto território amazônico. Milenarmente habitada por vários povos indígenas, a Amazônia brasileira adentrou o século XX com baixíssima densidade demográfica, prorrogando as preocupações com sua conquista e colonização que vinham desde os tempos da América portuguesa. Fatores econômicos e políticas assistemáticas não foram suficientes para adensar a população amazônica. Ainda no século XIX, por exemplo, o surto da borracha fez cerca de 300 mil nordestinos migrarem para aquele território, entre 1870 e 1900. No Pará, entre 1898 e 1899, patrocinadas pelo governo local, houve breves e fracassadas experiências de colonização italiana aos moldes do Sul, como as de Outeiro, Anita Garibaldi e Ianameté (SANTOS, 2017, p. 3). Já no século XX, o governo Vargas percebeu a necessidade de se assenhorear da região, lançando a Marcha para o Oeste (1938) – programa de estímulo à colonização do Centro-Oeste e do sul da floresta amazônica, acompanhada da construção de estradas, ferrovias e portos (ARRAIS, 2016). “Territórios de fronteira”, o Centro-Oeste e a Amazônia tornaram-se destinos de brasileiros de todas as regiões, atraídos pelo acesso fácil à propriedade da terra e pelos sucessivos “ciclos” de *commodities* em alta (borracha, madeira, soja, minério, pecuária). A mais recente investida governamental sistemática sobre a região ocorreu durante o regime militar: sob o lema “Integrar para não entregar”, Castello Branco cria a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) em 1966. Em 1972, a ditadura inaugura a Transamazônica, rasgando a floresta com uma rodovia de 4.260 km de extensão, símbolo de uma política que incluía a colonização daquelas terras por migrantes de outras regiões do Brasil.

O percurso do vocábulo *pagela* em alguns estados da Amazônia, tal como visto aqui, segue, pois, o rastro peculiar da ocupação da região pelo Estado lusitano e brasileiro desde o século XVI – ocupação fortemente associada à atuação catequética e educacional da Igreja e ao desalojamento das populações nativas em nome da civilização e do “progresso” que falam portugueses.

Referências

ANTUNES, A. L. **Que cavalos são aqueles que fazem sombra no mar?**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ARRAIS, M. E. **A Marcha para o Oeste e o Estado Novo**: a conquista dos sertões. Brasília: UnB, 2016.

BECKER, B. K. Papel do Estado Brasileiro no Desenvolvimento da Amazônia. In: VAL, A. L.; SANTOS, G. M. dos (org.). **GEEA-Grupo de Estudos Estratégicos Amazônicos**, Manaus, v. 4, p.107-135, 2011. Disponível em: <<http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/952/1/Agricultura%20na%20Amaz%C3%B4nia%3A%20o%20futuro%20%C3%A9%20plantar%20sem%20derrubar%20%C3%80s%20margens%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20na%20Amaz%C3%B4nia.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2022.

BLUTEAU, R. **Vocabulario portuguez & latino**. v. 6. Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1720. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5442>>. Acesso em: 22 abr. 2022.

BRITO, M. L. da S. **Vozes dos silêncios**: narrativas de jovens filhos de imigrantes guianenses em Boa Vista-RR. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/10265/1/marialuciadasilvabrito.pdf>>. Acesso em 15 abr. 2022.

BUENO, F. da S. **Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa**. 2ª tiragem, v. 6. São Paulo: Saraiva, 1968.

CARDOSO, J. **Dictionarium latinolusitanicum & vice versa**. Coimbra: Ioan. Barrerius, 1570. Disponível em: <<https://purl.pt/14265>>. Acesso em: 22 abr. 2022.

CARDOSO, J. **Hieronymi Cardosi Lamacensis dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem**. Lisboa: Ex officina Ioannis Aluari Typographi Regij, 1562-1563. Disponível em: <<https://purl.pt/15192>>. Acesso em 22 abr. 2022.

CASTRO, A. S. **A implantação do diário digital nas escolas públicas estaduais de Manaus (AM)**. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016. Disponível em: <<http://www.mestrado.caedufjf.net/wp-content/uploads/2017/03/ALCINETE-SANTOS-CASTRO.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2022.

COELHO, M. O. **A escola primária no estado do Pará (1920-1940)**. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/>>

disponiveis/48/48134/tde-30012009-165255/pt-br.php>. Acesso em: 22 abr. 2022.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br/>>. Acesso em: 22 abr. 2022.

LIMA, L. **Catálogo do arquivo Professor Antônio Lino Neto**. Coleção Instrumentos de Descrição Documental, nº1. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa/ Centro de Estudos de História Religiosa, 2012. Disponível em <<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/8036/6/CatalogoAntonioLinoNeto.pdf>>. Acesso em 15 abr. 2022.

MACHADO, J. A.; AMORIM, R. F.; PORTO, F. Ordem Consolata e povos indígenas do território federal do Rio Branco (1948–1952): estratégias de abordagem para inserção de cuidados. **História, Ciência, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.27, n.4, p.1341–1353, out./dez. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/kntV6Gkrmr7nS7QhjfZ7jnQ/?lang=pt>>. Acesso em 15 abr. 2022.

MAZZA, L. “Fogo cruzado”. **Piauí**, Rio de Janeiro, n. 184, p. 14–19, 2022. Disponível em <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/fogo-cruzado/>>. Acesso em 15 abr. 2022

MENEZES, A. L. P. D. de (ed.). **Manual de procedimentos acadêmicos da graduação**. Maceió: UFAL, 2007. Disponível em: <<http://www.ufal.edu.br/arapiraca/graduacao/engenharia-de-pesca/manual-do-aluno/manual-de-procedimentos-academicos-da-graduacao>>. Acesso em: 15 abr. 2022.

OLP – OXFORD LATIN DICTIONARY. London: OLP Press, 1968. Disponível em <<https://archive.org/details/aa.-vv.-oxford-latin-dictionary-1968/mode/2up>>. Acesso em 14 abr. 2022.

RANZI, P. **Vamos falar o acreanês**. Rio Branco: Edufac, 2017.

RAMALHO, C. O.; RAMALHO, P. O. A atuação das religiosas católicas em Roraima. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress**, Florianópolis, 2017. p. 1–12. Disponível em: <http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503847846_ARQUIVO_Texto_completo_MM_FG-CarlaePaulinaOnofreRamalhodefinitivo.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2022.

REIS, M. V. de F.; CARVALHO, Joel Pacheco de. A Igreja Católica na Amazônia: diversidade religiosa e intolerância. **Observatório da Religião**, Belém, v. 3, n. 1, 2016, p. 153–172. Disponível em <<https://periodicos.uepa.br/index.php/Religiao/article/view/1139/709>>. Acesso em 16 abr. 2022.

RIZZINI, I.; SCHUELER, A. O Instituto do Prata: índios e missionários no Pará (1898–1921). In: ESTÁCIO, M. A. F.; NICIDA, L. R. de A. **História e educação na Amazônia**. Manaus: EDUA, 2016. p. 61–88.

SANTOS, C. P. dos. Imigrantes e migrantes na Amazônia no final do século XIX: o testemunho da narrativa de viagem de Gemma Ferruggia. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress**, Florianópolis, 2017. p. 1–8. Disponível em <http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498232195_ARQUIVO_textoflorianopolis.pdf>. Acesso em 17 abr. 2022.

SILVA, Jubrael Mesquita de. Arquivos, memória e cidades amazônias: a geo-história como prática de pesquisa. **ANPUH-BRASIL XXX Simpósio Nacional de História**, Recife, 2019. Disponível em <https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1554765564_ARQUIVO_ArtigoANPUH.pdf>. Acesso em 16 abr. 2022.

SILVA, W. M. C. da; ROCHA, E. S.; CARVALHO, C. M. de. Educação, regionalização e ambiente: exemplo de Roraima. **Biologia geral e experimental**, Boa Vista, v. 16, n. 2, 2015. Disponível em: <<https://www.biologiageralexperimental.bio.br/pdfs-edicoes/Volume-16-Numero-2.pdf>>. Acesso em 14 abr. 2022.